

# Mudança semântica da palavra “gambiarra” em textos jornalísticos: um estudo baseado no uso

## *Semantic Change of the Word “gambiarra” in Journalistic Materials: A Usage-based Study*

**Igor Andrade Barbosa**

Universidade Federal de Minas Gerais  
(UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR  
barbosa.igorandrade@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0005-1014-9989>

**Resumo:** o artigo investiga a mudança semântica do item lexical “gambiarra” no português brasileiro. O objetivo central consiste em mapear a evolução do significado do termo, desde suas ocorrências iniciais no século XIX até seu uso contemporâneo. A fundamentação teórica apoia-se nos pressupostos dos estudos baseados no uso (Croft, 2000; Diessel, 2019), na abordagem da mudança semântica (Koch, 2016; Traugott, 2017) e na perspectiva histórico-cultural do léxico (Cambaia, 2013; Matoré, 1953). A metodologia utiliza a perspectiva semasiológica, adotando uma análise diacrônica e qualitativo-quantitativa de um *corpus* composto por ocorrências lexicográficas do termo em textos jornalísticos da *Hemeroteca Digital Brasileira*. O tratamento dos dados, com o auxílio de softwares como *Orange* (Demsar et al., 2013) e *Voyant Tools* (Sinclair; Rockwell, 2016), classifica os usos em quatro rótulos semânticos e mapeia as redes lexicais. Os resultados demonstram um processo de polissemia e generalização, no qual o termo migra de um sentido original concreto de “objeto para iluminação” para um sentido mais abstrato de “solução improvisada para resolver problemas”.

**Palavras-chave:** Mudança semântica; Gambiarra; Linguística baseada no uso.

**Abstract:** this article investigates the semantic change of the lexical item “gambiarra” in Brazilian Portuguese. The main objective is to trace the evolution of the term’s meaning, from its earliest occurrences in the 19th century to its contemporary use. The theoretical framework is grounded in usage-based approaches (Croft, 2000;



Diessel, 2019), theories of semantic change (Koch, 2016; Traugott, 2017), and the historical-cultural perspective on the lexicon (Cabraia, 2013; Matoré, 1953). Methodologically, the study adopts a semasiological perspective, employing a diachronic and qualitative-quantitative analysis of a *corpus* composed of lexicographic occurrences of the term in journalistic texts from the *Hemeroteca Digital Brasileira*. Data processing, supported by software tools such as *Orange* (Demsar et al., 2013) and *Voyant Tools* (Sinclair; Rockwell, 2016), classifies the uses into four semantic labels and maps the lexical networks. The results demonstrate a process of polysemy and generalization, in which the term shifts from its original concrete meaning of “object for lighting” to a more abstract sense of “an improvised solution to solve problems”.

**Keywords:** Semantic change; Gambiarra; Usage-based linguistic.

## 1 Introdução

Definir os limites do significado de uma palavra constitui uma tarefa complexa. No uso efetivo da linguagem os falantes frequentemente produzem inovações semânticas, não com o objetivo de alterar um item lexical existente, mas sim para dar forma a conceitos específicos, por vezes inovadores (Koptjevskaja-Tamm; Vanhove; Koch, 2007). Nesse sentido, os modelos baseados no uso reconhecem que o significado representa o mundo que está sempre em mudança, a qual é condicionada por “fatores que compõem a herança social, como a cultura e a estrutura da sociedade” (Biderman, 1978, p. 12). Como consequência, as palavras que expressam diferentes significados estão sujeitas a variações que, embora sejam constantes, ao longo do tempo tornam-se sutis, quase imperceptíveis no uso sincrônico.

Partindo desse referencial teórico, produzimos nesta pesquisa<sup>1</sup> uma análise da mudança semântica do item “gambiarra”. Uma rápida busca pela palavra “gambiarra” no Google Imagens revela a amplitude de sentidos e representações que ela comporta: há registros de produtos compostos por objetos variados, imagens de fios elétricos etc. Nosso objetivo é investigar como o significado desta palavra variou ao longo do tempo, a partir da alteração dos contextos com os quais ela se associa em diferentes períodos. A análise será conduzida à luz dos modelos de linguagem baseados no uso (Bybee, 2016; Croft, 2000), segundo os quais as habilidades linguísticas que um indivíduo possui em determinado

---

<sup>1</sup> A produção deste artigo resulta de estudos realizados na disciplina Seminário de Tópico Variável em Linguística Teórica e Descritiva: Lexicologia Histórica, ministrada pela Profa. Dra. Aléxia Teles Guimarães, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da UFMG.

momento resultam de sua experiência acumulada com a língua ao longo da vida. A língua é aqui compreendida como um inventário estruturado de unidades simbólicas denominadas *construções*, isto é, signos convencionalizados que representam os padrões de uso de uma língua por meio da associação entre *forma* e *significado*. Para a teoria, as construções, que são organizadas na rede conceptual do falante (Croft, 2001), abrangem desde palavras<sup>2</sup> como “gambiarra”, até estruturas sintáticas mais complexas (Croft, 2007). A essa organização das categorias linguísticas se associa a frequência de uso, mecanismo responsável pela emergência de novas formas que se difundem e se estabilizam nas comunidades de fala (Bybee, 2016).

Formalmente, a proposta teórica que orienta esta pesquisa modela a gramática como uma rede aninhada de nós e conexões, inspirada em modelos conexionistas e de redes neurais (Diessel, 2019). Essa gramática em rede é composta pelas construções linguísticas que funcionam como nós simbólicos definidos por diferentes tipos de relações cognitivamente motivadas que refletem tanto a estrutura conceitual quanto o uso social da língua. Alinhamos esse modelo de tratamento do significado à proposta de Matoré (1953), que, por meio de uma abordagem também de natureza radial, introduz os conceitos de *campo nocional* (conjunto de palavras associadas semanticamente) e *palavra-testemunho* (signo lexical que reflete as transformações socioculturais).

Metodologicamente, o presente estudo volta-se para plano do *significado*<sup>3</sup> do item “gambiarra”. Para Croft (2001, p. 18), esse plano abrange todos os aspectos convencionalizados da *função* de uma construção, incluindo as propriedades do discurso em que é empregada e da situação pragmática dos interlocutores. A pesquisa, assim, insere-se na perspectiva semiológica do estudo do significado, orientada pela relação da forma para a função. A abordagem adota uma análise diacrônica do léxico, baseada em um *corpus* constituído por registros lexicográficos de dicionários de diferentes períodos e ocorrências do vocábulo coletadas no acervo digital da *Hemeroteca Digital Brasileira* (século XIX a XXI). O tratamento dos dados combinou métodos quantitativos – como a classificação das ocorrências em rótulos semânticos e a visualização temporal em gráficos de dispersão produzidos no software *Orange* (Demsar et al., 2013) – com análises qualitativas inspiradas nos modelos baseados no uso e na lexicologia sócio-histórica – utilizando a plataforma do site *Voyant Tools* (Sinclair; Rockwell, 2016) para explorar as redes lexicais.

A organização deste trabalho reflete a trajetória analítica percorrida, iniciando com a apresentação dos fundamentos teóricos que sustentam a abordagem baseada no uso e a lexicologia social (Seção 2). A Seção 3 detalha os mecanismos e padrões da mudança semântica. Na sequência, a Seção 4 apresenta a metodologia e o *corpus* da pesquisa, enquanto a Seção 5 e a Seção 6 dedicam-se à análise dos registros lexicográficos do termo, culminando na Seção 7 com a discussão da trajetória de mudança semântica.

---

<sup>2</sup> Durante o artigo, o uso das expressões *palavra*, *termo*, *item* ou *vocábulo* para nos referirmos a *gambiarra* ocorre unicamente por conveniência didática, uma vez que a unidade de análise adotada nesta pesquisa é a *construção*.

<sup>3</sup> Adotamos a proposta de Cruse (2000) para o estudo da semântica lexical. *Significado* diz respeito ao modo como a palavra funciona e faz sentido em contextos linguísticos (normalidade de uso). Sentido é a representação mental/conceitual (mobiliza *conceitos*) que a palavra ativa para que possamos entendê-la e usá-la. Trata-se de uma questão de *conceptualização*, não de *realidade objetiva*. Ao longo do artigo, o uso desses termos é feito de forma intercambiável, uma vez que convergem para a ideia geral da semântica associada às palavras. Por fim, *referência* diz respeito à coisa no mundo a que uma expressão particular se refere.

## 2 Fundamentos da abordagem baseada no uso

A mudança de significado de uma construção é consequência da natureza interacional da linguagem. Considerar esse pressuposto nos filia aos modelos baseados no uso, que concebem a linguagem não como um sistema autônomo, mas como mecanismo moldado pela cognição e pela interação social (Martelotta, 2011) e a mudança linguística como um fenômeno que ocorre em situações reais de comunicação, quando os falantes buscam atender finalidades específicas.

Para compreender como essas finalidades se atualizam no discurso, é necessário considerar os diferentes domínios da linguagem que compõem o sistema linguístico. Givón (2018) distingue dois: de um lado, o léxico, responsável pela codificação conceitual, e, de outro, a gramática, encarregada da organização de cláusulas que representam estados, eventos ou suas concatenações em cadeia. Essa divisão está, ainda, inserida em dois níveis fundamentais: a representação mental e a comunicação. A primeira compreende o léxico conceitual, a semântica proposicional e o discurso multiproposicional,<sup>4</sup> enquanto a segunda se refere ao papel interacional da linguagem (Givón, 2018, p. 28).

O léxico conceitual, em primeiro lugar, é entendido como um repositório relativamente estável que garante que a significação de um conceito não se altere rapidamente; em segundo lugar, é socialmente compartilhado, pois possibilita a comunicação entre membros de uma comunidade linguística; e, em terceiro lugar, é codificado de conceitos, uma vez que assegura a associação entre conceitos e rótulos perceptuais, as palavras. Ele compõe, assim, um mapa cognitivo da experiência humana, uma rede de conceitos que funciona de maneira nodal, em que a ativação de uma palavra evoca automaticamente um conjunto de conceitos prototípicos relacionados.

Se esse último nível diz respeito à representação mental, o nível da comunicação também desempenha um papel fundamental na construção desse léxico conceitual. Como explica Croft (2000), a linguagem é, em sua essência, um ato social e interacional. A comunicação não se resume à simples transferência de informações, uma vez que serve a objetivos extralinguísticos, como a construção de identidade e a influência mútua entre os interlocutores. Nesse cenário, o significado de uma palavra não é predefinido em um léxico estático, pois emerge da ação conjunta do falante e do ouvinte (Croft, 2011). Logo, o sucesso da comunicação depende da capacidade de ambos os indivíduos de coordenarem suas intenções e de estabelecerem um conhecimento comum (*common ground*). O significado, portanto, torna-se um resultado negociado, não uma propriedade inerente da palavra em si.

Se o significado é negociado entre os falantes, é natural que a mudança de sentido de uma palavra seja compreendida através da interação entre convenção e inovação. Croft (2000) explica que, embora as convenções linguísticas sirvam como dispositivos de coordenação para problemas comunicacionais recorrentes (visto que falante e ouvinte precisam sempre alinhar suas intenções para convergir sobre um mesmo significado), o uso de uma palavra jamais é completamente convencional. Como explica Enfield (2015, p. 1), há uma lacuna entre os significados mentais individuais (privados) e a trajetória pública das palavras nas interações sociais e nas convenções compartilhadas por uma determinada comunidade. Nesse momento, a singularidade de cada contexto comunicacional exige que os interlocutores empreguem

---

<sup>4</sup> Como foco deste trabalho, voltaremos nossa atenção exclusivamente ao nível do léxico conceitual.

recursos contextuais e inferenciais que permitem que ambos preencham as lacunas do significado convencional. É nesse interstício entre o convencional e o não convencional que a inovação linguística encontra seu ponto de partida: ocorre a extensão de um termo a um novo referente – como no caso de um neologismo ou de uma metáfora – representando um uso inovador que, se aceito por uma comunidade, pode se difundir e consolidar como uma nova convenção linguística.

Tendo delineado os postulados relacionados ao tratamento histórico no nível da representação mental (Givón, 2018) e da comunicação (Croft, 2000, 2011), resta agora abordar as motivações sociais, ou seja, compreender como a cultura interage com a linguagem e influencia os processos de mudança semântica. O significado resulta da forma como os seres humanos constroem interpretações do mundo, refletindo preocupações sociais, valores culturais e modos específicos de interação. “Sendo a língua um fato social, é a história da sociedade que explica a evolução linguística”. Assim, o vocabulário constitui “um elemento móvel, sujeito às menores variações da sociedade” (Matoré, 1949, p. 54, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Matoré (1949, 1953) destaca a importância de aproximar a lexicologia da sociologia e da história, justificando assim o desenvolvimento de uma abordagem social do léxico. A proposta de uma lexicologia social inaugura uma abordagem metodológica que entende a mudança semântica não apenas como resultado de processos cognitivos e interacionais, mas também como consequência direta de transformações culturais e históricas. No plano teórico, Matoré critica a cisão saussuriana entre sincronia e diacronia, uma vez que toda palavra carrega um traço temporal e sua significação resulta também de usos passados (Cambaia, 2013). Dessa forma, parece existir um denominador comum entre as abordagens cognitivo-funcionais e a proposta de Matoré: a busca por uma explicação da língua que integre *forma* – o *continuum* lexicogramatical – e *função* – o significado, que é, por essência, sócio-histórico.

Na sequência, abordam-se os mecanismos responsáveis pela mudança semântica, cuja emergência e recorrência estão relacionadas a motivações sócio-históricas.

### 3 Mecanismos e padrões da mudança semântica

Campbell (1998, p. 256) define que a mudança semântica envolve alterações nos conceitos associados às palavras, sem necessariamente alterar sua forma fonética e observa que sua explicação requer integração com fatores como analogia, sintaxe, pragmática e contexto sociocultural e histórico. A análise de todos esses fatores oportuniza ao linguista perceber certa regularidade nesses processos de mudança que apontam, sobretudo, para a tendência à unidirecionalidade, segundo a qual os elementos linguísticos caminham, ao longo do tempo, de significados mais concretos, representacionais e objetivos para significados mais abstratos, subjetivos e intersubjetivos (Martelotta, 2011).

A literatura em linguística histórica, segundo Koch (2016) e Traugott (2017), costuma distinguir as motivações e os mecanismos de mudança, sendo as primeiras relacionadas às razões pelas quais a mudança ocorre e os segundos aos processos pelos quais ela se realiza. As motivações para a mudança semântica relacionam-se, em grande medida, a transforma-

---

<sup>5</sup> Do original, “la langue étant un fait social, c’est l’histoire de la société qui explique l’évolution linguistique. [...] le vocabulaire constitue [...] un élément mobile, soumis aux moindres variations de la société”.

ções culturais e discursivas (constatação igualmente defendida por Matoré). Paralelamente, há motivações de natureza pragmática, ligadas às inferências produzidas na interação comunicativa (Traugott; Dasher, 2004).

Entre os mecanismos cognitivos que explicam a mudança semântica, destaca-se a metáfora. De acordo com Traugott (2017), a metáfora é entendida como um processo baseado na percepção de similaridade entre domínios distintos, permitindo que termos de um campo sejam reinterpretados em outro, como no caso de *belly* ('barriga'), do inglês, que tem origem no inglês antigo *bælg* (*bag, purse*, 'bolsa') e que, baseado na semelhança percebida entre o formato de uma bolsa e o abdômen humano, gerou uma reinterpretação motivada por analogia. Além desse processo, Traugott (2017) e Koch (2016) destacam metonímia, subjetivação, intersubjetivação, pejorização, melhoriação, estreitamento e generalização.<sup>6</sup> Esse último, caro para esta pesquisa, envolve a ampliação (*widening*) do escopo semântico de uma palavra, que passa a abarcar um conjunto mais amplo de referentes – um exemplo seria o termo *dog*, que originalmente designava uma raça específica e se expandiu para incluir todos os cães em geral.

Na sequência, descreve-se a metodologia do trabalho.

## 4 Metodologia

Entre os enfoques teóricos que orientam o estudo da mudança semântica (Traugott; Dasher, 2004, p. 24-27), a perspectiva semasiológica preocupa-se com as alterações de significado associadas a uma palavra ao longo do tempo, mantendo relativamente constante a forma. É nesse eixo de investigação que se inscreve a presente pesquisa.

Metodologicamente, esta pesquisa exploratória tem caráter qualitativo e interpretativista, de natureza descritivo-analítica, e adota uma perspectiva diacrônica de análise lexical. O objetivo central é investigar a evolução semântica e o processo de mudança lexical do termo “gambiarra” no PB, observando como os diferentes registros lexicográficos e as ocorrências em textos jornalísticos de distintas épocas refletem a reconfiguração dos sentidos do termo. O *corpus* de análise foi constituído a partir de duas fontes: (i) registros lexicográficos de dicionários de diferentes períodos; e (ii) ocorrências da palavra “gambiarra” coletadas no acervo digital da *Hemeroteca Digital Brasileira*, compreendendo textos de jornais e revistas entre os séculos XIX e XXI.<sup>7</sup>

A *Hemeroteca Digital Brasileira*<sup>8</sup> é um projeto desenvolvido pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN) com o objetivo de preservar, digitalizar, catalogar e disponibilizar acervos de periódicos históricos publicados no Brasil. O método de busca pela plataforma se dá por meio de um sistema de pesquisa que permite ao usuário realizar consultas a partir de um filtro de “palavras-chave”. Após a pesquisa do termo “gambiarra” nesse filtro, os documentos digitalizados em que esse item ocorre podem ser visualizados em seu formato original, escaneados.

<sup>6</sup> A limitação de espaço nos impede de aprofundar a descrição desses processos.

<sup>7</sup> Como a Hemeroteca não registra ocorrências do termo gambiarra no período de 2020 a 2025, foram coletadas 30 ocorrências do termo em títulos de notícias por meio da plataforma de pesquisa do Google News.

<sup>8</sup> *Hemeroteca Digital Brasileira*. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

As ocorrências foram selecionadas após leitura e recorte das sentenças em que o termo aparece. A plataforma organiza resultados por intervalos de dez anos, justificando o recorte temporal adotado. Quantitativamente, foram selecionadas 30 ocorrências para cada década, exceto nas décadas em que não foi possível obter esse número devido à escassez de registros do termo. A delimitação de 30 ocorrências por década foi estabelecida a partir de um critério metodológico que busca equilibrar representatividade e viabilidade analítica. Assim, a seleção não visa à exaustividade quantitativa, mas à representatividade funcional dos contextos em que os diferentes sentidos da unidade lexical emergem e se sobrepõem. Em termos empíricos, a observação dos dados revelou que os períodos de transição – isto é, as décadas em que os sentidos do termo entram em coexistência – apresentaram uma distribuição balanceada das ocorrências entre categorias semânticas. Esse equilíbrio é indicativo de que o *corpus*, ainda que composto por um número limitado de exemplos por década, é suficientemente representativo dos momentos de mudança lexical.

Os dados foram transcritos para planilha no Excel, onde foram classificados segundo quatro rótulos baseados nas definições dicionarizadas (ver Seção 5). O tratamento quantitativo foi conduzido no Excel e visualizado no software *Orange* (Demsar et al., 2013), enquanto o qualitativo se fundamentou em modelos baseados no uso (Diessel, 2019; Koch, 2016) e nas análises lexicológicas de Matoré (1953). As redes lexicais foram exploradas com o *Voyant Tools* (Sinclair; Rockwell, 2016), o que permitiu observar coocorrências e *campos nocionais* associados ao termo.

Por fim, é importante reconhecer, contudo, que o *corpus* desta pesquisa se limita ao domínio jornalístico,<sup>9</sup> o que constitui uma restrição metodológica relevante, uma vez que representa apenas uma parcela do conjunto de práticas discursivas da língua. Nas próximas seções, apresentamos a análise dos significados de “gambiarra”, bem como os resultados obtidos.

## 5 Definições de “gambiarra” nos dicionários

De acordo com Ferreira (2010, p. 1009), o termo “gambiarra” vem, possivelmente, do radical *gamb-* e se refere à palavra italiana *gamba* que significa ‘perna’. Ernout e Meillet (1939, p. 267) indicam que o termo significa “pata, jarrete do cavalo e, mais geralmente, dos quadrúpedes”. Segundo os autores, *gamba* foi, posteriormente, aplicada na linguagem popular aos homens e acabou por suplantar o termo próprio para ‘perna’.

Entretanto, se é possível reconstruir a etimologia do termo *gamba*, não é possível o mesmo para “gambiarra”. Em geral, nos dicionários o termo está associado à luz e à iluminação de palcos de teatro: “ribalta de luzes na parte anterior e superior dos palcos” (Silva, 1998, p. 849). Nascentes (1952, p. 234) indica que gambiarra se relaciona à *gâmbia*, “porque a luz dá nas pernas dos atores”. Morfologicamente, segundo Bueno (1974, p. 1518), a raiz do termo deve ser *gamba*, do italiano ‘perna’, e o sufixo basco *-arra*, que tem sentido aumentativo.

Ferreira (2010, p. 1009) também relaciona o termo gambiarra à iluminação de teatros e palcos: “rampa de luzes e/ou refletores, de cores variadas, situado ao lado de outras, ou na parte anterior do urdimento, acima da ribalta, ou no teto da plateia, a alguns metros

---

<sup>9</sup> O *corpus* reúne predominantemente textos jornalísticos provenientes das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

de distância do palco”. Aulete (2011), igualmente, relaciona “gambiarra” ao teatro, sendo uma “fileira de refletores suspensa acima do palco”, e a mais três sentidos:

gambiarra (gam.bi:ar.ra) sf. 1 Extensão de fio elétrico, com um ou mais bocais de lâmpada: *Uma gambiarra iluminava o jardim.* 2 Bras. Pop. Extensão ilegal para levar eletricidade a algum ponto ou remediar improvisadamente uma passagem de corrente elétrica; GATO 3 Pop. P. ext. Qualquer solução improvisada para resolver um problema ger. do ambiente doméstico (p. 697, destaques do autor).

A partir dessa pesquisa em dicionários, podemos assumir quatro significados para o termo “gambiarra”:

- (1) Extensão com lâmpadas: um cabo com um ou mais soquetes para lâmpadas. Essa montagem é usada em festas, obras ou locais onde não há iluminação fixa, funcionando como uma forma de levar luz a determinado espaço.
- (2) Equipamento de iluminação no teatro: uma estrutura composta por várias lâmpadas ou refletores colocados no palco para iluminar os atores e o cenário durante uma peça.
- (3) Ligação elétrica clandestina: uma ligação de energia feita sem autorização ou de forma improvisada. Por exemplo, quando alguém puxa fios de um poste de energia para abastecer uma casa sem passar pelo medidor.
- (4) Solução improvisada para resolver problemas: qualquer tipo de conserto ou adaptação feita de forma criativa e provisória; pode ser desde colar uma peça quebrada com fita adesiva até usar objetos para uma função diferente da original.

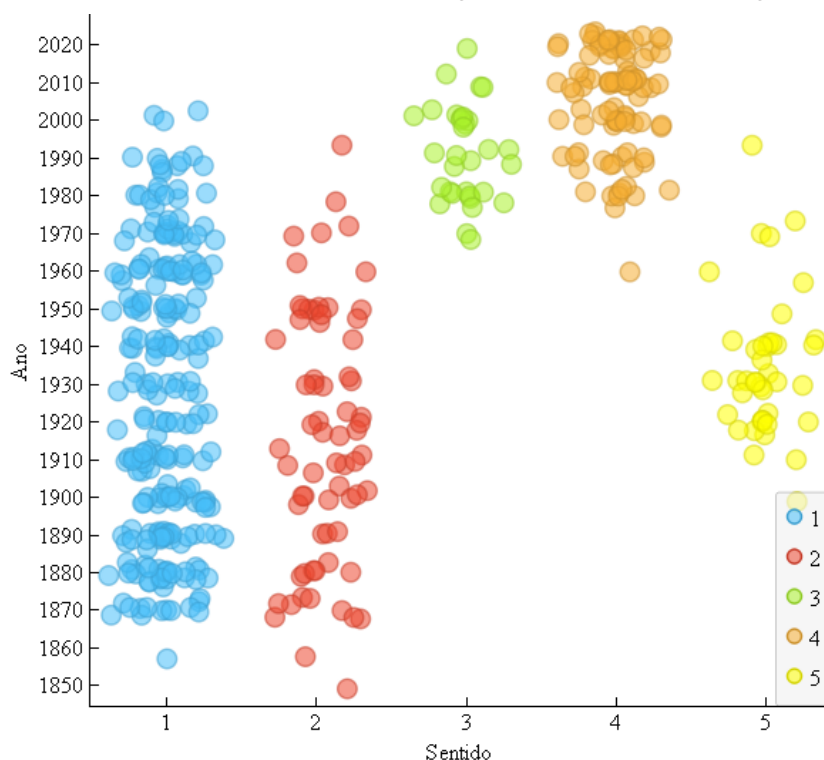
Esse último sentido é estudado por Sedlmayer (2024) que afirma o termo designar “tanto o ato de construção quanto os aparatos criados” (p. 25). Na próxima seção, mapeamos esses diferentes sentidos vinculados ao uso de “gambiarra” no *corpus*.

## 6 Mapeando os significados de gambiarra no *corpus*

Como explicado anteriormente, nesta etapa da pesquisa, cada enunciado do *corpus* foi analisado individualmente e classificado em uma planilha do Excel, conforme os quatro sentidos de “gambiarra” identificados nos dicionários mencionados na seção anterior. Foram atribuídos os seguintes rótulos: Rótulo 1 (R1), “gambiarra” como extensão com lâmpadas; Rótulo 2 (R2), “gambiarra” como equipamento de iluminação teatral; Rótulo 3 (R3), “gambiarra” como ligação elétrica clandestina ou improvisada; e Rótulo 4 (R4), “gambiarra” como processo ou resultado de uma solução improvisada para resolver problemas. O Gráfico 1 mostra os resultados dessa classificação.



Gráfico 1 – Gráfico de dispersão dos usos de “gambiarra” mapeados pelo significado



Fonte: elaboração do autor.

Na legenda do gráfico, o eixo X apresenta os rótulos numéricos e as cores correspondentes aos significados anteriormente definidos: R1, azul, R2, vermelho, R3, verde e R4, laranja. Além desses, foi incluído um quinto rótulo, R5, em amarelo, para indicar os casos em que o uso de “gambiarra” se refere a um nome próprio (28 ocorrências) ou a um sentido não identificado entre os quatro anteriores durante a análise (13 ocorrências).

Como é possível observar no gráfico, o sentido de “gambiarra” como extensão com lâmpadas (R1) aparece pela primeira vez na década de 1850 e se mantém em uso ao longo do tempo, com diversas ocorrências até a década de 2000. O sentido de “gambiarra” como equipamento de iluminação teatral (R2) ocorre já na primeira ocorrência do termo no *corpus*, também na década de 1850, e estende-se até as décadas de 1980 e 1990. O terceiro sentido, “gambiarra” como ligação elétrica clandestina ou improvisada (R3), surge a partir da década de 1970. O quarto sentido, “gambiarra” como processo ou resultado de uma solução improvisada para resolver problemas (R4), tem sua primeira ocorrência na década de 1960 e passa a ser amplamente utilizado nas décadas seguintes.

A Tabela 1, a seguir, apresenta a quantificação das ocorrências representadas visualmente no Gráfico 1.

Tabela 1 – Quantificação dos significados de “gambiarra”

Década	Significado rotulado					Total
	1	2	3	4	5	
1850	0	1	0	0	0	1
1860	1	1	0	0	0	2
1870	13	8	0	0	0	21
1880	24	6	0	0	0	30
1890	27	3	0	0	0	30
1900	21	8	0	0	1	30
1910	21	7	0	0	2	30
1920	12	8	0	0	10	30
1930	13	6	0	0	11	30
1940	18	2	0	0	10	30
1950	18	11	0	0	1	30
1960	25	2	0	1	2	30
1970	22	3	2	0	3	30
1980	10	1	10	9	0	30
1990	9	1	7	12	1	30
2000	3	0	9	18	0	30
2010	0	0	3	27	0	30
2020	0	0	1	29	0	30
<b>Total</b>	<b>237</b>	<b>68</b>	<b>32</b>	<b>96</b>	<b>41</b>	<b>474</b>

Fonte: Elaboração dos autores.

O enunciado (1), a seguir, apresenta a transcrição da primeira ocorrência do termo “gambiarra” no *corpus* empregada com o sentido de instrumento de iluminação utilizado no teatro.

- (1) VENDE-SE uma iluminação de theatro em bom uso, com *gambiarra* e pertences, propria para algum theatro de provincia ou interior; na rua de Santa Anxa n. 55.

O trecho apresentado foi retirado do Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, publicado em 1857. Na década seguinte, a ocorrência do termo permanece reduzida, com apenas duas ocorrências, transcritas nos enunciados (2) e (3), a seguir.

- (2) E finalmente todos os utensílios decoros e liquidos, gaz, etc., pias de marmore com torneira, coreto com columnas de ferro, o gaz de toda a casa, sendo grande porção de bicos *gambiarra* da iluminação da frente.
- (3) Cheira-me a fumo de *gambiarra* e ribalda; temos intriga de camarim.

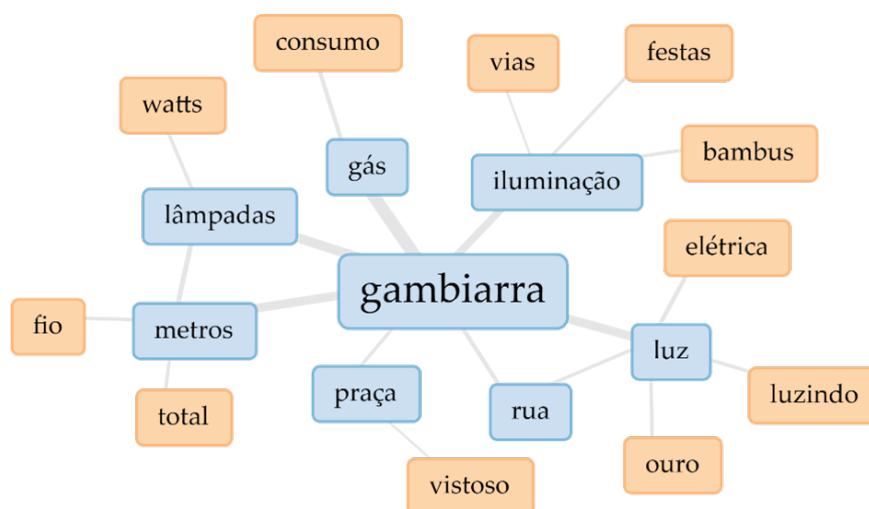
Classificamos a ocorrência apresentada em (2) como pertencente ao R1, em que “gambiarra” designa uma extensão elétrica com lâmpadas. Assim como no exemplo anterior, essa ocorrência foi encontrada no *Jornal do Commercio*, datada de 1868. A ocorrência em (3), por sua vez, foi extraída de uma seção de folhetim do jornal *O Ypiranga*, publicado em São Paulo, no ano de 1869. Trata-se de uma fala de personagem da narrativa “Uma Família Inglesa: Scenas da vida no porto”, escrita por Júlio Diniz. Embora o uso do termo “gambiarra” pareça assumir um sentido figurado,<sup>10</sup> o contexto da cena envolve um diálogo sobre o ambiente teatral. Por essa razão, optamos por classificá-la como pertencente ao R2.

Em 1870, foram registradas 21 ocorrências do termo “gambiarra”, das quais 13 apresentam o sentido relacionado à extensão elétrica com lâmpadas e 8 à iluminação utilizada em teatros. A partir da década de 1880, o número de ocorrências aumentou significativamente, permitindo a aplicação da metodologia adotada, que consiste em selecionar 30 ocorrências por década. Apresentamos a seguir quatro ocorrências representativas de cada sentido mapeado no *corpus*. Assim, os enunciados de (4) a (6) correspondem a usos do termo “gambiarra” com o sentido de extensão elétrica com lâmpadas – que totalizam 237 ocorrências.

- (4) A praça do General Osorio está brilhantemente enfeitada para os festejos de hoje. O lado proximo á rua de S. Pedro tem uma *gambiarra*, com duzentos bicos de luz [Gazeta de Noticias, R], 1882].
- (5) Grande illuminação em cordões de *gambiarra*s, com capacidade para 1.500 lâmpadas [O Jornal, R], 1929].
- (6) Amaioria dos vereadores e quase 100 dirigentes de clubes disputam no Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura 17 mil metros de *gambiarra* (fio com lâmpadas coloridas) para ornamentação carnavalesca [Jornal do Brasil, R], 1960].

Com o agrupamento de todas as ocorrências de “gambiarra” com esse significado, foi possível utilizar o *Voyant Tools* (Sinclair; Rockwell, 2016), uma ferramenta online de análise textual que, a partir da análise de coocorrências, gera um gráfico em rede dos termos que aparecem conjuntamente com maior frequência. O Gráfico 2, apresentado a seguir, ilustra o resultado dessa análise aplicada às 237 ocorrências de “gambiarra” no sentido de “extensão com lâmpadas”, R1.

Gráfico 2 – “gambiarra” como extensão com lâmpadas



Fonte: elaboração do autor.

<sup>10</sup> No trecho em questão, o personagem sugere que uma carta recebida traz um enredo típico de bastidores teatrais, cheio de intrigas.

A ferramenta organiza a disposição das palavras em duas cores distintas: os quadros azuis representam as palavras-chave, enquanto os quadros laranja indicam as coocorrências, ou seja, palavras que aparecem próximas às palavras-chave no *corpus*. Além disso, a espessura das linhas que conectam os quadros – compreendidos como nós em uma rede lexical – indica o grau de frequência com que os termos ocorrem em conjunto. Essa representação visual da rede reflete, nos termos de Diessel (2019, p. 18), o modo como “o conhecimento que um falante tem sobre itens lexicais inclui associações com outros itens semanticamente e/ou foneticamente relacionados”<sup>11</sup>. Para a abordagem baseada no uso, as relações lexicais são formadas por meio de processos de categorização, reforçadas pela automatização e pelo *priming* (ativação prévia), o que faz com que expressões frequentemente utilizadas em conjunto, dentro de um mesmo domínio, tornem-se associadas entre si.

Se o conhecimento linguístico não é pré-determinado, mas construído a partir de experiências reais de uso linguístico em sociedade, torna-se possível correlacionar essa organização em rede com os conceitos de *campo nocional* (*champ notionnel*) e *palavras-testemunho* (*mots-témoins*), propostos por Matoré (1953, p. 63-67). Segundo o lexicólogo, o *campo nocional* corresponde a um conjunto de palavras associadas na consciência dos falantes, reunidas com base em afinidades sociológicas (Cambraia, 2013). Na rede analisada, o *campo nocional* está relacionado aos termos que se associam à “gambiarra”: lâmpada, luz, iluminação, gás (em referência à iluminação a gás<sup>12</sup>), rua, praça – lugares onde as “gambiarra”, muitas vezes com dezenas de metros, eram comumente instaladas durante festas, penduradas em bambus. Esses termos não apenas refletem o contexto histórico e social, como também justificam o sentido de “gambiarra” enquanto extensão elétrica com lâmpadas. A transformação desse *campo nocional* está diretamente ligada à mudança de significado da construção “gambiarra”, que passa, nesse ponto, a assumir o papel de *palavra-testemunho*, isso é, um neologismo (de forma ou de sentido) que, ao emergir, torna-se símbolo de uma transformação social de sua época, reorganizando e hierarquizando todo o *campo nocional* ao qual pertence. Esse fenômeno será retomado nas próximas seções, onde veremos como a mudança no sentido da construção “gambiarra” também implicará em uma reconfiguração dos nós simbólicos da rede lexical.

Com base na representação visual do Gráfico 1 e nos dados quantitativos da Tabela 1, apresentados no início deste capítulo, é possível observar a convivência de dois significados distintos para o termo “gambiarra”: um relacionado a uma extensão com lâmpadas (R1) e outro à iluminação utilizada em teatros (R2). Os enunciados de (7) a (9) exemplificam o uso de “gambiarra” classificada como R2. Ao todo, foram identificadas 68 ocorrências desse uso no *corpus*.

- (7) A Sra. Leonardi não pregou nenhuma peça aos frequentadores do theatro Recreio Dramatico, por isso que a *gambiarra* bem accessa deixava ver aos que chegavão que não era a Catalina, mas outro o espetaculo da noite [Jornal do Commercio, RJ, 1881].
- (8) As caixas de theatro, durante os ensaios, desprovidas de scenarios, mal illuminadas por uma *gambiarra*, têm um aspecto soturno que não impressiona bem [Jornal do Brasil, RJ, 1924].

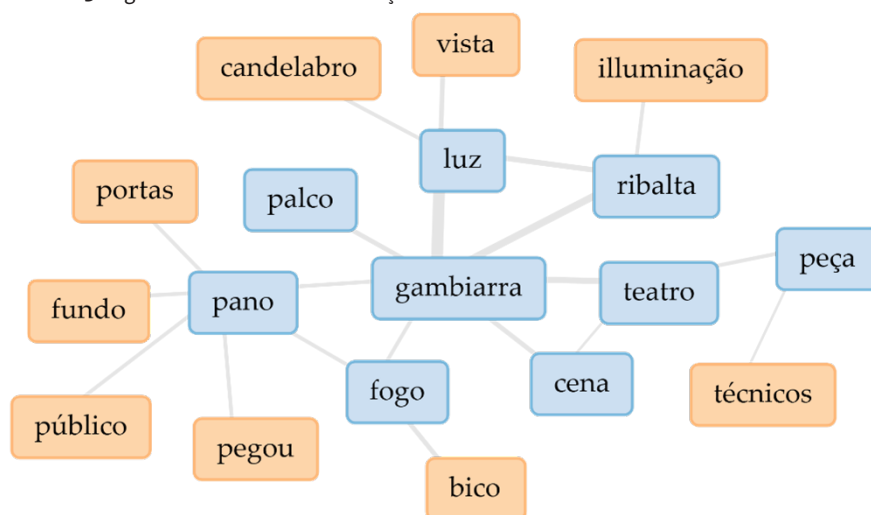
<sup>11</sup> Do original “a speaker’s knowledge of lexical items includes associations to other semantically and/or phonetically related items”.

<sup>12</sup> O Rio foi a primeira cidade latino-americana com iluminação a gás (em 1854 haviam 1.853 pontos desse tipo de iluminação), enquanto em São Paulo ela só surgiu a partir da década de 1870.

- (9) O Professor Gilson Amado, diretor da TV-Educativa, doou à Escola do Teatro da FEFIEG todo o estoque de refletores, spots, *gambiarra*s e outros apetrechos do antigo Teatro Nôvo, e a alegria foi grande na escola... [Diário de Notícias, RJ], 1961]

O Gráfico 3, apresentado a seguir, representa a organização radial do termo “gambiarra” em sua associação com esse sentido. Nessa visualização, o *campo nocional* abrange não apenas termos diretamente ligados ao universo do teatro – como “ribalta”, “pano”, “palco”, “cena”, “plateia”, “público” – mas também vocábulos relacionados à “iluminação” e à “luz”. Especificamente nessa rede, observa-se a presença de palavras como “fogo” e “bico” e de verbos como *pegar* (“pegar fogo”). Esses elementos refletem diversas ocorrências jornalísticas em que se relata a ocorrência de incêndios provocados pelo contato entre um *bico de* “gambiarra” e um *pano*, evidenciando os riscos associados ao uso desse tipo de equipamento no ambiente teatral.

Gráfico 3 – “gambiarra” como iluminação de teatro



Fonte: elaboração do autor.

Como indicado anteriormente, embora em quantidade significativamente menor (68 ocorrências de R2 em comparação às 237 ocorrências do R1), o uso de “gambiarra” como iluminação teatral coocorre com o sentido de “gambiarra” como extensão elétrica para iluminação. Dessa forma, estabelecer uma fronteira rígida entre esses dois significados não nos parece viável, considerando tanto a metodologia empregada quanto a natureza do *corpus*. As diferentes acepções do termo dependem, neste caso, do que Cambraia (2013) denomina de fatores externos à língua, que contribuem para explicar a constituição e a mudança do léxico. Isso implica levar em conta “as diferenças na sociedade – de gênero, de idade, de classe social, de região, de formação escolar etc. – ao analisar o léxico” (Cambraia, 2013, p. 167). Assim, a definição da rede aninhada de nós e conexões (Diessel, 2019) entre os sentidos de “gambiarra” está diretamente relacionada ao grau de envolvimento dos falantes com práticas sociais que possibilitam o contato com tais usos. Por exemplo, falantes que não tinham qualquer relação com o meio teatral, provavelmente associavam o termo “gambiarra” a esse *campo nocional* de forma mais distante ou indireta. Em contrapartida, pessoas inseridas no universo das artes

cênicas reconheciam com facilidade o termo vinculado a esse contexto específico, como na ocorrência em (10), transcrita abaixo.

- (10) Sendo quinta geração de artista, até onde eu sei, ribalta, coxia, urdimento, *gambiarra*, roteiro, esquerda baixa, são palavras que aprendi antes do bê-á-bá [Jornal do Brasil, RJ].

Trata-se de um relato em que um artista menciona ter aprendido termos técnicos ligados ao universo teatral ainda na infância, devido à convivência com o meio artístico desde muito cedo. O exemplo evidencia como o conhecimento e o uso de determinadas palavras estão diretamente relacionados às variantes sociais do falante.

Na análise dos dados, a maior parte das ocorrências de “gambiarra” com o sentido relacionado à iluminação teatral concentra-se entre as décadas de 1870 e 1950. A partir das décadas de 1960 e 1970, observa-se uma queda significativa no uso desse sentido, o que pode estar associado à modernização do teatro brasileiro. Algumas ocorrências presentes no *corpus* evidenciam esse processo de transformação, como um dado de 1978, representado abaixo, em (11). Essa ocorrência explica, ainda que de forma implícita, o abandono de práticas técnicas e vocabulários associados a um modelo teatral mais antigo.<sup>13</sup>

- (11) Com Ziembinski, o teatro nacional abandonou a *gambiarra* e a ribalta [Jornal do Brasil, RJ].

As últimas décadas do século XX, especialmente os anos 1980 e 1990, marcam, no *corpus* analisado, o fim das ocorrências dos sentidos do R1 e R2 de “gambiarra” e o início da predominância dos sentidos de R3 e R4. Ou seja, “gambiarra” deixa de ser associada a equipamentos de iluminação e passa a significar, no *corpus*, uma ligação elétrica clandestina ou improvisada (R3) e o processo ou resultado de uma solução improvisada para resolver problemas (R4).

Esse período representa um momento de transformação na rede lexical do termo, em que os nós simbólicos se alteram, ao menos no plano semântico e a palavra “gambiarra” passa, então, a exercer uma função discursiva diferente, refletindo uma mudança em seu uso. Nesse ponto, em diálogo com os trabalhos de Matoré (1953) e Cambraia (2013), o termo “gambiarra” pode ser compreendido como uma *palavra-testemunho*, um neologismo de sentido que expressa dinamismo e marca uma mutação significativa no sistema linguístico.

Novamente, os sentidos de “gambiarra” representados pelos rótulos 2 e 3 coexistem no *corpus*, porém com uma diferença significativa na frequência: o sentido associado ao R3 ocorre em 96 *tokens*, enquanto o do R2 aparece em apenas 32 *tokens*. Em relação ao R3, que corresponde ao uso de “gambiarra” como ligação elétrica clandestina ou improvisada a primeira ocorrência no *corpus* data de 1970 e se estende até 2020, com apenas uma ocorrência registrada neste último ano. Os exemplos de (12) a (14), apresentados a seguir, ilustram ocorrências desse sentido.

---

<sup>13</sup> Ziembinski foi um diretor teatral que teve papel fundamental na modernização do teatro brasileiro no século XX

- (12) Em entrevista concedida a esta página, o Sr. José Rita, Diretor-proprietário da SOPREMACO, disse que a sua empresa usava energia elétrica através de uma *gambiarra*, que é uma ligação precária [Correio Braziliense, DF, 1974].
- (13) A equipe encontrou uma *gambiarra* de luz e um gato de água que leva os recursos além dos muros do cemitério [Jornal do Brasil, RJ, 2008].
- (14) *Gambiarra* é a causa mais comum de choques em casa [G1, 2020].

A distinção entre as redes lexicais correspondentes aos rótulos 3 e 4 neste estudo ocorre exclusivamente em função da análise separada dos significados realizada ao longo deste trabalho. Consequentemente, como esses dois sentidos frequentemente coocorrem, as redes apresentadas nos Gráficos 4 e 5, a seguir, devem revelar semelhanças e conexões significativas entre si.

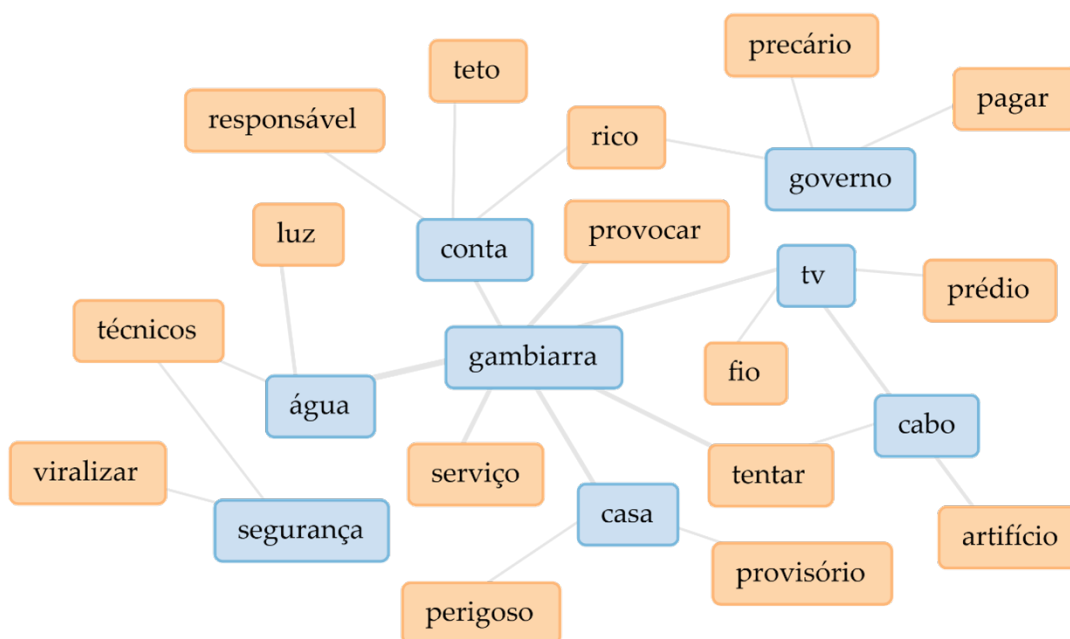
Gráfico 4 – “gambiarra” como ligação elétrica clandestina



Fonte: elaboração do autor.

A organização radial apresentada acima revela o *campo nocional* associado ao novo sentido de “gambiarra”, entendido como uma ligação clandestina de energia elétrica. Diversos termos reforçam as coocorrências mais frequentes nesse contexto, como “casa”, “rua”, “luz”, “puxar” (no sentido de “puxar energia da rua”) e “prédio”. O termo “gato” aparece como uma designação popular alternativa para esse tipo de ligação. Outros elementos do gráfico, como “regularizando”, “técnico” e “vítima”, refletem a ilegalidade e os riscos associados a essa prática, frequentemente retratada em notícias sobre acidentes graves ou fatais causados por “gambiarras”. Na sequência, o Gráfico 5 apresenta as associações radiais referentes ao sentido do R4, no qual “gambiarra” é compreendida como o processo ou resultado de uma solução improvisada para resolver problemas em geral.

Gráfico 5 – “gambiarra” como solução improvisada para problemas



Fonte: elaboração do autor.

A primeira ocorrência de “gambiarra” com o sentido associado ao R4, ou seja, como solução improvisada para resolver problemas, aparece no *corpus* em 1960, sendo seguida por outras ocorrências distribuídas entre as décadas de 1980 a 2020. Nesses enunciados, o uso de “gambiarra” extrapola o sentido mais restrito de ligação improvisada estritamente elétrica. Aqui, o termo passa a designar qualquer tipo de solução improvisada e com os recursos disponíveis, para lidar com diferentes situações cotidianas. As conexões evidenciadas na rede lexical refletem esse novo campo nocional: a *gambiarra* utilizada na TV a cabo; a *gambiarra* para puxar água para a casa; a *gambiarra* como um mecanismo provisório ou um artifício; a *gambiarra* como uma tentativa de resolver um problema; além das relações recorrentes com a segurança – uma vez que pode provocar acidentes – e com o governo – sendo reflexo da precariedade da vida de um povo que recorre ao uso da “gambiarra” como forma de resistência e adaptação. Os exemplos de (15) a (18), apresentados a seguir, ilustram esse uso.

- (15) Na Avenida Brasil, então, senti que estava dirigindo a maior *gambiarra* (ônibus em condições precárias). Como êle tinha saído da revisão justamente para passar na vistoria, estranhei, mas levei-o até lá, na Rua Frei Caneca [Jornal do Brasil, RJ], 1968].
- (16) Os profissionais fizeram uma “*gambiarra*”, um arranjo improvisado para evitar que o cloro continuasse vazando [Cidade de Santos, SP, 1985].
- (17) Para ampliar o porta-malas generoso, de 526 litros, a Zafira emprestou o assoalho - e também cedeu alguns componentes da suspensão e amortecedores. Da Meriva vieram botões do painel e console, cujo desenho lembra o do Astra. E por aí vai. Houve até quem torcesse o nariz, chamando o modelo de “*gambiarra*”. Uma injustiça [Jornal do Brasil, RJ, 2005].



- (18) A casa de Maene, aliás, não tem esgoto, água encanada, energia elétrica. É tudo na base da gambiarra [Correio Braziliense, DF, 2002].

É interessante observar que, na maioria de usos nesse contexto, “gambiarra” começa a aparecer registrada entre aspas ou acompanhada de uma explicação entre parênteses. Isso indica um estágio de mudança semântica, no qual o termo, ainda relativamente pouco convencional nesse uso, pode gerar ambiguidades – sobretudo em razão da polissemia –, exigindo, assim, uma explicitação por parte do enunciador para garantir o entendimento do leitor; ou, ainda, a sinalização do uso do termo como gíria.

Por fim, 41 ocorrências foram classificadas sob o rótulo 5, atribuídas a 28 casos em que o termo é empregado como nome próprio. Além disso, esse rótulo também inclui 13 casos em que não foi possível determinar com precisão o sentido de “gambiarra”. Encerramos, aqui, a análise das ocorrências de “gambiarra” no *corpus*. Na seção seguinte, propomos uma reflexão sobre os possíveis mecanismos linguísticos envolvidos na trajetória de mudança semântica da construção “gambiarra”.

## 7 Refletindo sobre a mudança semântica de “gambiarra”

De acordo com Koch (2016, p. 56-57), as inovações semânticas mais significativas são geralmente motivadas por fatores socioculturais e pragmáticos. Nesse sentido, o uso de “gambiarra” para designar a extensão elétrica (R1), associada a contextos de falta de iluminação, serviu de base para a ampliação do termo ao campo do improvisado em geral. Os exemplos de (19) a (21), apresentados a seguir, ilustram esse processo: em todos eles, “gambiarra”, ainda no sentido de extensão elétrica (R1), aparece relacionada a contextos de improvisação para iluminação temporária durante apagões ou festas.

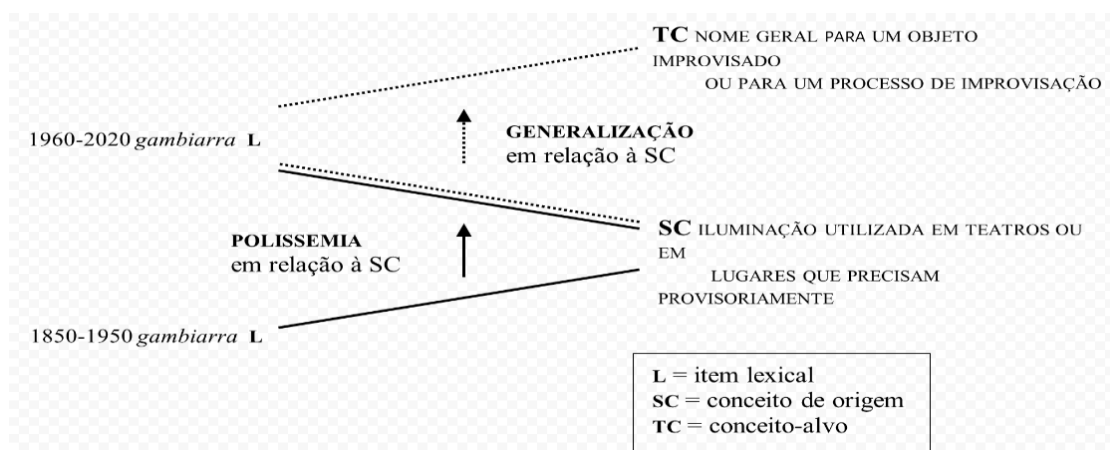
- (19) Nada menos de 930 bicos de gás, distribuídos por aparelhos provisórios, colocados nas paredes, por uma *gambiarra* correndo ao longo da cimalha real, por vários candeladros... [Gazeta de Notícias, R], 1885].
- (20) A iluminação à *gambiarra* (bambus com furos para as torcidas embebidas em querosene), era imprescindível, pois não existia iluminação elétrica [A Tribuna, SP, 1957].
- (21) A Rua B e a Avenida Industrial ficaram às escuras, sendo que um trecho da Rua B foi beneficiado pela *gambiarra*, um fio com várias lâmpadas [O Fluminense, R], 1990].

Esse processo pode ter dado origem a dois novos sentidos: o de ligação elétrica clandestina (R3), registrado a partir da década de 1970, e o de solução improvisada para resolver problemas de forma provisória (R4), cuja emergência, no *corpus*, remonta à década de 1960. Este último representa a máxima expansão semântica da construção “gambiarra”, abrangendo qualquer tipo de reparo, adaptação ou construção realizada provisoriamente, podendo referir-se tanto ao processo quanto ao produto final. Segundo Koch (2016, p. 27), a reiteração e aceitação desse novo uso pela comunidade de fala refletem os mecanismos de *propagação*, que evidenciam seu aspecto social, e de *entrincheiramento*, ligado ao aspecto psicolinguístico da mudança semântica, i.e., o modo como a inovação se estabiliza na mente dos falantes. Assim, a transição para o R4 implica um ato de inovação da designação por parte do

falante, que, diante da necessidade de nomear uma “solução improvisada”, com sentido mais abstrato, utiliza um termo de sentido mais concreto (a extensão elétrica, R1) por *generalização*, focando na qualidade da ação (o improvisado) em vez do objeto (a luz). É por conta dessa *generalização* que, hoje, o termo se enquadra no que a tradição linguística vem nomeando de *nomes gerais* (Amaral; Ramos, 2014).

A Figura 2, abaixo, baseada na formalização de Koch (2016), busca ilustrar o processo analisado: entre 1850 e 1950, “gambiarra” tem o sentido original (SC) de “iluminação utilizada em teatros ou lugares que precisavam provisoriamente de luz”. A partir de 1960, ocorre o surgimento de novos usos associados a esse significado inicial, configurando uma fase de polissemia, em que o termo passa a ser empregado também em outros contextos de improvisação. Em seguida, observa-se um processo de *generalização* (TC), pelo qual “gambiarra” adquire um sentido mais abrangente.

Figura 2 – Representação do processo de polissemia e generalização de “gambiarra”



Fonte: elaboração do autor.

O diagrama também ilustra o modo como a ascensão do sentido mais recente e abrangente de *gambiarra* (R4) é acompanhada por um processo que Koch (2016, p. 26) denomina *mudança de significado redutiva* (*reductive meaning change*). No ciclo da polissemia – como se observa nas décadas de 1980 e 1990, quando múltiplos sentidos coexistem –, o estabelecimento de um novo sentido dominante – a partir dos anos 2000 – tende a reduzir a frequência dos significados anteriores, que eventualmente podem desaparecer. O desaparecimento do sentido teatral (R2) na década de 1990 e a expressiva diminuição do uso relacionado à iluminação com lâmpadas (R1) após 2000 sinalizam que o sentido de solução improvisada (R4) está se consolidando como o núcleo semântico da palavra. A principal consequência desse percurso é a *convencionalização* do novo sentido, isso é, o movimento de tensão semiótica que ocorre entre o discurso e a organização do sistema (Koch, 2016, p. 27), pelo qual o uso reiterado e socialmente compartilhado estabiliza a inovação semântica e a integra ao léxico comum da língua.

## 8 Considerações finais

O presente estudo se propôs a analisar a trajetória de mudança semântica do item “gambiarra” em textos jornalísticos brasileiros, investigando como a variação dos contextos de uso ao longo do tempo reconfigurou o significado dessa unidade lexical. Alinhado aos pressupostos dos modelos da linguística baseados no uso e da lexicologia sócio-histórica, o objetivo central foi mapear o percurso do termo no *corpus* desde suas primeiras ocorrências no século XIX até sua consolidação no uso contemporâneo.

A análise do *corpus* revelou um processo de polissemia e generalização, culminando na ascensão de um novo significado. O termo sofreu ampliação de sentido, uma vez que houve a transição dos significados originais, ligados a equipamentos de iluminação (teatral e extensões elétricas), para sentidos mais abstratos e subjetivos, como o de ligação elétrica clandestina ou de solução improvisada, que confirmam as tendências de mudança linguística, segundo as quais os elementos caminham, ao longo do tempo, de significados mais concretos e objetivos para significados mais abstratos e subjetivos.

Apesar dos resultados, é imperativo reconhecer as limitações deste trabalho. O *corpus*, restrito majoritariamente a textos do domínio jornalístico, impõe uma restrição metodológica que compromete a representação da frequência real dos sentidos, especialmente em contextos de fala informal. Assim, sugerem-se caminhos para pesquisas futuras que ampliem o escopo da investigação.

## Referências

- AMARAL, E. T. R.; RAMOS, J. *Nomes gerais no português brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.
- AULETE, C. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Brasília, 1974.
- BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAMBRAIA, C. N. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 21, n. 1, 2013, p. 157-188. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.21.1.157-188>. Acesso em: 4 set. 2025.
- CAMPBELL, L. *Historical linguistics: an introduction*. Cambridge: MIT Press, 1998.
- CROFT, W. *Explaining language change: an evolutionary approach*. Londres: Longman, Pearson Education, 2000.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- CROFT, W. Construction grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Orgs.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 463-508.
- CROFT, W. Language as a process. In: ARNOS, I.; CLARK, E. V. (Orgs.). *Experience, Variation and Generalization: Learning a first language*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 241-260.
- CRUSE, D. A. *Meaning in Language: An Introduction to Semantics and Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- DEMSAR, J. et al. *Orange: data mining toolbox in Python*. *Journal of Machine Learning Research*, [S.l.], v. 14, ago. 2013, p. 2349-2353. Disponível em: <https://jmlr.org/papers/volume14/demsar13a/demsar13a.pdf>. Acesso em: 29 jan 2026.
- DIESEL, H. *The Grammar Network: how language structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- ENFIELD, N. J. *The utility of meaning: what words mean and why*. Oxônia: Oxford Linguistics, 2015.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: [s.l.], 1939.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurelio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 2018.
- KOCH, P. Meaning change and semantic shifts. In: JUVONEN, P.; KOPTJEVSKAJA TAMM, M. (Orgs.). *The lexical typology of semantic shifts*. Berlin: Walter de Gruyter, 2016. p. 21-66.
- KOPTJEVSKAJA-TAMM, M.; VANHOVE, M.; KOCH, P. Typological approaches to lexical semantics. *Linguistic Typology*, v. 11, 2007, p. 159-185.
- MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MATORÉ, G. La lexicologie sociale. *L'Information Littéraire*, Paris, n. 2, mar./abr. 1949.
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie: domaine français*. Paris: Didier, 1953.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/Acadêmica, v. 1, 1952.
- SEDLMAYER, S. *Quem não tem cão caça com gato: estudando a gambiarra*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2024.
- SILVA, A. P. e. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 15. ed. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil, 1998.
- SINCLAIR, S.; ROCKWELL, G. *Voyant Tools*, 2016. Disponível em: <https://voyant-tools.org/>. Acesso em: 15 set. 2025.
- TRAUOGOTT, E. C. Semantic change. In: *Oxford Research Encyclopedias, Linguistics*, 2017.
- TRAUOGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.